

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto
Editores

PSICOLOGIA &
PSICOTERAPIA

1

Dicionário de Psicologia



EDIÇÕES SÍLABO

Psicologia & Psicoterapia

Diretor de coleção: Telmo Mourinho Baptista

Títulos publicados

1. Dicionário de Psicologia
2. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 1 – Intervenções Clínicas
3. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 2 – Perturbações e Grupos Específicos (no prelo)

Psicologia & Psicoterapia

Livros de caráter científico e de divulgação sobre aspetos importantes nas áreas da psicologia e da psicoterapia. Privilegiando autores portugueses, um contributo para a formação dos profissionais e uma maior divulgação dos conhecimentos e práticas de que a psicologia e a psicoterapia se ocupam.

Dicionário de Psicologia

Editores

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA:

Título: Dicionário de Psicologia
Autores: Telmo Mourinho Baptista, David Dias Neto e outros
© Edições Sílabo, Lda.
Capa: Pedro Mota
Imagen da capa: Carollynn Tice | Dreamstime.com
1ª Edição – Lisboa, setembro de 2019.
Impressão e acabamentos: Europress, Lda.
Depósito Legal: 461074/19
ISBN: 978-989-561-022-8



Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2
1170-100 Lisboa
Tel.: 218130345
e-mail: silabo@silabo.pt
www.silabo.pt

Prefácio

Nos últimos quarenta anos, a psicologia portuguesa tem tido o seu maior desenvolvimento com o crescimento das escolas existentes e o aparecimento de muitas e novas escolas. A docência alargou-se para poder atender aos milhares de alunos que procuravam estudar psicologia. Como consequência, a aplicação da psicologia estendeu-se a múltiplas áreas e, hoje, podemos encontrar psicólogos em exercício em todo o tipo de organizações e também em prática individual, sobretudo de psicologia clínica e consultoria.

Este desenvolvimento da psicologia despertou o interesse pela investigação e ao aparecimento de uma vasta literatura psicológica de autores portugueses, que começou por ser publicada em português mas que hoje é na sua maioria escrita em inglês, devido à internacionalização e respectiva competição que a acompanhou.

Junta-se a este crescimento as oportunidades que muitos docentes tiveram de estudar ou completar diversos tipos de graus académicos no estrangeiro, o que em muito contribuiu para trazer para o nosso país um conhecimento que foi aplicado nas universidades portuguesas.

Esta verdadeira expansão do conhecimento psicológico tornou esse conhecimento mais presente e aplicado às mais diversas áreas, desde a individual até à grupal, passando pela organizacional e comunitária. Este conhecimento também se vulgarizou e passou a fazer parte do vocabulário dos cidadãos comuns. Apesar de os termos utilizados correntemente nem sempre corresponderem ao seu verdadeiro significado científico, esta realidade demonstra a enorme curiosidade de um número alargado de pessoas pelo estudo e conhecimento da mente e comportamento humano.

A criação da Ordem dos Psicólogos Portugueses em 2009, após uma longa gestação, veio permitir a organização dos profissionais num organismo regulador e de representação, que tem também contribuído, tanto em termos científicos como em termos da prática, para o avanço da profissão. Os congressos da Ordem dos Psicólogos Portugueses, já na sua quarta edição em 2018, tornaram-se no maior evento científico de psicologia no nosso país, congregando académicos e praticantes numa verdadeira festa de comunhão entre o conhecimento e as suas aplicações.

Para além dos congressos da Ordem, muitos outros congressos ocorrem todos os anos, dificultando o acompanhamento dos testemunhos e produção científica apresentada. Esta fecundidade tem uma expressão já significativa em revistas e publicações internacionais, competindo com o que de melhor se publica em termos globais na área da psicologia e suas aplicações. Creio poder afirmar-se que se atingiu uma maturidade quanto ao estabelecimento de um corpo de investigadores que desenvolvem os seus trabalhos na academia, partilhando-os com os mais de 20.000 profissionais portugueses que deles beneficiam.

Também o universo da formação pós-graduada tem conhecido um enorme crescimento, contribuindo para o desenvolvimento de profissionais cada vez mais qualificados, e que procuram uma atualização constante, agindo aliás de acordo com o imperativo ético da profissão.

Por isso, podemos dizer, passados todos estes anos, que tanto a academia como a profissão estão irreconhecíveis, para melhor, proporcionando aos cidadãos os resultados dos seus conhecimentos nas diversas aplicações dos campos da psicologia.

Assim, neste contexto, impunha-se ter um instrumento que congregasse num dicionário o conhecimento existente, visto pela lupa de autores portugueses. Foi esta a ideia embrionária deste *Dicionário de Psicologia* que agora se apresenta, ideia impulsionada pelo estímulo do editor da Edições Sílabo, Dr. Manuel Robalo. Tarefa desafiadora pela necessidade de seleção dos termos a incluir e dos autores a convidar, tarefa inacabada como qualquer dicionário, mas que fica aberta a futuras edições ampliadas e melhoradas. Percorreu-se o caminho, terminou-se a obra que aqui fica para o usufruto de todos.

Poderemos interrogar-nos sobre o sentido e oportunidade que faz publicar um dicionário em tempos de internet? Pensamos que faz todo o sentido e é oportuno, pela referência que constitui de ser uma abordagem aos temas gerais da psicologia a partir da visão de autores portugueses, mas também pelo interesse exploratório que qualquer dicionário pode induzir, principalmente se publicado em papel. A página escrita com verbetes ordenados alfabeticamente permite fazer descobertas interessantes que levam o interesse original a abrir-se a outros campos/verbetes. Existem conceitos adjacentes de áreas tão diversas e apetecíveis que prometem explorações não antecipadas. Ou ainda a possibilidade de se «ler um dicionário», seja numa qualquer ordem definida ou seja ao acaso. Qualquer das formas pode ser adequada para saber mais sobre psicologia. Claro que não é um saber integrado, para isso existem manuais, mas os verbetes que apresentamos, pela sua extensão, permitem abordagens esclarecedoras que, eventualmente, abrirão a procura de conhecimento mais detalhado.

Pedimos aos autores dos verbetes, reconhecidos especialistas nas suas áreas de intervenção, que se apoiassem e dessem uma perspetiva sustentada pela ciência, pois importa diferenciar o que é o conhecimento psicológico sólido, testado e apoiado por estudos das diversas apresentações de pretenso conhecimento psicológico. A maturidade de uma ciência, como acontece com todas as ciências, está em permanente revisão, permitindo-nos fazer afirmações que sabemos serem sempre suscetíveis de novas descobertas. Por isso, o estado da arte é sempre uma fotografia que está condenada a não corresponder ao envelhecimento dos retratados, mas que serve o propósito de fixar o momento. Este dicionário é um momento, uma obra em contínua atualização. Estaremos atentos à necessidade de a fazer crescer e melhorar. Por agora, celebremos o resultado do trabalho de tantos especialistas portugueses na afirmação da psicologia.

Telmo Mourinho Baptista

David Dias Neto

Introdução

A ferramenta com que a maioria dos psicólogos trabalha em primeiro lugar é a linguagem. A intervenção psicológica já foi designada inclusive por cura pela palavra. A linguagem é usada na psicologia aplicada e estudada na investigação elementar. Na clínica e saúde, ela é a base da mudança, na educação, ela é a base da promoção e do desenvolvimento, no social e organizações, ela é a base do facilitar ajustamento e desempenho. Na investigação elementar, a psicolinguística, a psicologia cognitiva e a neuropsicologia estudam a linguagem e outros sistemas que usam representações linguísticas nas suas operações. A linguagem é simultaneamente alvo de avaliação psicológica e método de investigação nas metodologias qualitativas. Ela está sempre presente e torna distintiva a nossa ciência

É, portanto, surpreendente que tanta da discussão em psicologia se centre em torno do que os termos significam. Muitos dos modelos teóricos da psicologia usam termos cuja definição se sobrepõe com a de outros e muitas das relações antecipadas entre variáveis são incompreensíveis uma vez que as definições das mesmas e consequentes medidas ou variam de autor para autor ou implicam sobreposições entre si. Isto é um problema para a psicologia que desde o seu início se procurou afirmar como ciência. E não existe ciência sem saber do que se está a falar, o que tem consequências na maior ou menor operacionalização dos conceitos. A citação falsamente e maldosamente atribuída a Binet de que a «Inteligência é o que os meus testes medem» traduz uma tentativa de resolver este problema pela medida. Mas se o objetivo da ciência é a procura de uma verdade, esta proposta circular nunca poderá ser a solução definitiva.

Felizmente o estudo da linguagem, pela psicologia, permite dar uma luz sobre o problema. A linguagem não é um código fechado e de relação única e rígida com o seu significante. A palavra burro já significou vermelho e hoje, para além do animal, assume um caráter derogativo de falta de inteligência. O termo, como acontece com outros termos, pode ser usado com tons completamente diferentes que afetam os significados. E o seu uso e significado variam em função do contexto e intenção. E é esta flexibilidade que permite o uso imenso da linguagem, que permite a poesia e nunca impede a compreensão entre as pessoas. E parte desta compreensão deriva do diálogo e da negociação que se associa às trocas verbais.

Um dicionário de psicologia deve ser, portanto um instrumento de diálogo. Deve servir para uma compreensão aprofundada dos seus termos e relações com outros. Por este motivo deve ter uma construção plural. O presente documento conta com a participação de mais de 60 autores de referência nacional. Estes autores escreveram sobre a sua área de especialidade e imprimiram nos seus verbetes a sua perspetiva sobre os termos. Outros autores poderiam ter dado um cunho e uma perspetiva diferente aos termos, mas a diversidade dos envolvidos garante a diversidade do dicionário como um todo. Por esse motivo, queremos expressar os nossos profundos agradecimentos aos autores dos verbetes que com o seu contributo enriquecem a psicologia:

Ana Cristina Martins	ACM
Ana Margarida Veiga Simão	AMVS
Ana Nunes da Silva	ANS
Ana Sofia Medina	ASM
Ana Sousa Ferreira	ASF
Anabela Sousa Pereira	ASP
António M. Duarte	AMD
Armando Mónica de Oliveira	AMO
Bárbara Figueiredo	BF
Barbara Gonzalez	BG
Carla Cunha	CCC
Carla Moleiro	CMM
Carlos Fernandes da Silva	CFS
Carlos Lopes Pires	CMLP
Célia M.D. Sales	CMDS
Celina Manita	CM
Constança Biscaia	CB
Cristina Soeiro	CS
Daniel Rijo	DR
Eduardo Sá	ES
Fernando Barbosa	FB
Francisco Esteves	FGE
Francisco Miranda Rodrigues	FMR
Gabriela Moita	GM
Inês Nascimento	IN
Isabel de Sá	IS
Isabel Miguel	ICM

Jaime Grácio	JG
João Lameiras	PA&JL
João Manuel Moreira	JMM
João Salgado	JS
José Leitão	JL
Jorge Negreiros	JN
Leandro S. Almeida	LSA
Madalena Alarcão	MA
Madalena Melo	MM
Manuel Joaquim Loureiro	MJL
Maria Manuela Calheiros	MMC
Margarida Vaz Garrido	MVG
Maria Eduarda Duarte	MED
Maria João Figueiras	MJF
Maria Teresa Ribeiro	TR
Mário B. Ferreira	MBF
Mário R. Simões	MRS
Miguel Pina e Cunha	MPC
Patrícia M. Pascoal	PMP
Paulo Ventura	PVE
Pedro L. Almeida	PA&JL
Raquel Raimundo	RCR
Renato Gomes Carvalho	RGC
Rosa Ferreira Novo	RFN
Rui Pedro Ângelo	RPA
Rui Bártoolo-Ribeiro	RBR
Rui Paixão	RPX
Salomé Vieira Santos	SVS
Sara Bahia	SB
Sara Ibérico Nogueira	SIN
Sérgio Moreira	SM
Sónia Figueira Bernardes	SFB
Tânia Fernandes	TF
Tânia Gaspar	TG
Teresa Garcia Marques	TGM
Vítor Franco	VF

Método de desenvolvimento do dicionário

Em primeiro lugar, o presente livro não é nem um dicionário nem uma encyclopédia. Quando o projetámos decidimo-nos por algo intermédio por julgarmos difícil abranger alguns conceitos com verbetes curtos, e pretendermos uma obra sintética sobre todas as áreas da psicologia. Para alguns termos pedimos aos autores verbetes curtos ao passo que para outros, julgámos imprescindível a escrita de verbetes mais longos. Este caráter intermédio, também se adequava aos nossos leitores alvo: psicólogos ou estudantes de psicologia que começam a interessar-se por novas áreas da psicologia.

Tendo definido o âmbito e objeto do dicionário avançamos então para o seu desenvolvimento.

Primeiro passo: criação do léxico

A psicologia, apesar de ser uma ciência recente, espraiou-se para diversas áreas e usa diversos métodos de pesquisa e intervenção. Nestas diferentes áreas tem conceitos e teorias que nascem e desaparecem. Por ser um dicionário amplo de psicologia seria impossível ter todos os termos de todas as áreas, o que acarretaria vários dilemas de seleção. Como existem outras obras, elas foram o nosso ponto de partida. Selecioneamos outros dicionários de psicologia internacionais e consideramos os termos usados. Como um dicionário é sempre um documento desatualizado, sentimos a necessidade de complementar o léxico inicial com termos de índices remissivos de algumas obras gerais e abrangentes de psicologia.

Nestes incluímos não só termos partilhados por toda a psicologia, mas também termos específicos a teorias particulares e mesmo às teorias centrais da psicologia. Definido o âmbito do dicionário como anteriormente descrito, incluímos nomes de pessoas centrais para a psicologia e provas ou instrumentos de avaliação psicológica que marcaram a intervenção e compreensão dos seus objetos. Quisemos ainda homenagear associações e organizações da psicologia de Portugal e do espaço lusófono, incluindo-as nesta obra. Por se afastar um pouco daquilo que é um dicionário, fomos parcimoniosos nesta inclusão.

Segundo passo: seleção dos termos

O léxico que resultou do primeiro passo foi significativamente maior que o final apresentado ao leitor. Para o reduzir, o primeiro critério foi a frequência com que surgiu nas fontes originais. Tomamos a frequência como um indicador de importância ou de uso na psicologia. Em alguns casos optámos por dar destaque a

certos termos menos frequentes, mas que correspondem a campos ou áreas da psicologia em afirmação. Noutros casos, deixamos de fora alguns termos ou que caíram em desuso, ou cujas conceptualizações concorrentes reuniram o consenso na psicologia. Para esta reflexão foi importante o contributo dos autores, que propuseram acrescentar alguns termos e remover outros.

Outra questão prendeu-se com o nível de aprofundamento de determinadas teorias, áreas ou perspetivas, em termos de verbetes. Em alguns casos, o termo escolhido corresponde a um conceito mais geral. Noutros casos, para além do termo geral, incluímos termos específicos da teoria, abordagem ou área da psicologia. O critério empírico descrito atrás auxiliou na escolha, havendo outros casos em que a apreciação editorial foi relevante. Naturalmente que muitos termos foram excluídos, alguns de forma argumentavelmente problemática. No total ficámos com 511 verbetes e 727 entradas (incluindo sinónimos e outras denominações do termo).

Terceiro passo: escrita dos verbetes

Com o objetivo de dar coerência à obra, enviámos logo à partida um conjunto de regras e orientações de escrita aos autores. O propósito foi o de uniformizar o nível de complexidade, caráter técnico e regras de formatação de modo a facilitar a compreensão do futuro leitor. Todos os verbetes foram lidos e revistos e reenviados para os autores no sentido de aumentar esta mesma uniformização. Agradecemos aos autores a compreensão que lhes permitiu abdicar de algumas das suas idiossincrasias de escrita neste processo.

Por o inglês ser, atualmente, a língua franca da ciência, todos os termos têm a tradução em inglês. Os autores foram ainda convidados a incluir a origem etimológica da palavra quando relevante. Como acontece com outras obras similares, foi pedido aos autores para evitar referências ou citações. Nos casos em que tal fosse considerado indispensável, as mesmas deveriam ser incluídas no texto dos próprios verbetes.

Quarto passo: ordenação dos verbetes

A ordenação dos termos num dicionário escrito em português apresenta os seus desafios; nomeadamente nas situações em que as entradas têm mais do que uma palavra. Nestes casos, com frequência, invertemos a ordem das palavras por julgar que tal corresponderia ao termo que o leitor pesquisaria (e.g., «Perfil criminal, análise do» em vez de «Análise do perfil criminal»). Nos casos em que tal foi feito, ambas as entradas foram colocadas, com uma delas a remeter para a

outra. Noutros casos, havendo dúvidas, optámos por manter a forma original, duplicando a entrada. Colocámos ainda entradas com os sinónimos do termo a remeter para o próprio termo ou termos que não sendo sinónimos estão muito associados (e.g., bem-estar e felicidade)

Apresentação do dicionário

Cada verbete tem as seguintes informações:

Nome da entrada. ————— **Cunhagem**

Tradução para inglês. ————— *Imprinting*

Verbete. —————

Número que aponta para um segundo significado do termo. —————

Outros termos do dicionário sugeridos para consulta. —————

Código de identificação do autor. —————

Cunhagem
Imprinting

1. Termo introduzido em 1937 por Konrad Lorenz (1903-1989), fundador da moderna etologia. Refere-se a um tipo de aprendizagem rápida que ocorre em algumas espécies, num período crítico, curto, após o nascimento. Um exemplo histórico, é o dos gansos que, após o nascimento, num período de horas ou dias, aprendiam a seguir um objeto em movimento (geralmente a mãe, mas podia ser outro animal, ou mesmo uma pessoa), constituindo uma resposta instintiva. Havia, assim, uma tendência inata para se ligar e aprender com o objeto alvo do comportamento de seguir, e esta aprendizagem era muito resistente a mudança.

2. *Imprinting* sexual designa o processo pelo qual um animal desenvolve uma preferência por um par sexual que é semelhante àquele(s) a quem esteve exposto no período inicial da vida (como o cuidador), o qual constitui um período crítico ou sensível. Este processo ocorre no período inicial da vida, que constitui um período crítico ou sensível. Alguns estudos sugerem que mecanismos do tipo dos do *imprinting* sexual podem ocorrer na escolha do parceiro sexual humano.

► Ver também: Vinculação.

SVS

Conclusão

Cerca de três anos e meio depois de termos iniciado este trabalho, é com satisfação que partilhamos este dicionário com os colegas que comungam do nosso interesse pela psicologia. Fazemos votos para que ele sirva de referência para novas ideias e novas reflexões. A psicologia continua a precisar de afirmação na sua dimensão profissional e de desenvolvimento na sua dimensão científica. O contínuo refinar e melhorar da nossa ciência dará sustentação a essa afirmação.

*Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto*

ambiente, sendo influenciado pela experiência, existindo evidência sobre os efeitos de fatores bio-ecológicos e psicossociais. Um exemplo particular são as experiências cuidadoras na expressão de comportamentos ligados ao temperamento. Similarmente, o temperamento modera o grau em que as influências do ambiente influenciam o indivíduo. Neste âmbito, os estudos comparativos com animais são úteis no estabelecimento da ligação entre disposições temperamentais e a arquitetura neural subjacente, por um lado, e os efeitos da experiência, por outro.

► Ver também: Personalidade.

BG

Tempestade de ideias

Brainstorming

Do inglês [*brain + storm*] «tempestade cerebral». Técnica de dinâmica de grupo criada nos Estados Unidos da América pelo publicitário Alex Osborn (1888-1966), utilizada para resolução de problemas específicos, desenvolver novas ideias e estimular o pensamento criativo, colocando-o ao serviço dos objetivos do indivíduo. Cada participante é encorajado a pensar em voz alta e sugerir o máximo número de ideias possíveis, abstraindo-se de qualquer autocritica que possa limitar o processo. Como regras principais institui-se que: a) criação de ideias deve ocorrer sem qualquer crítica ou constrangimento; b) a análise, discussão e crítica às ideias ocorrem subsequentemente; c) a avaliação das ideias visa identificar associações e contrastes que possam conduzir ao resultado final desejado; e c) deve ser garantida a igualdade de oportunidade de par-

ticipação entre todos os membros do grupo.

► Ver também: Resolução de problemas; Criatividade.

BG

Tempo de reacção

Reaction time

Tempo de resposta, de um participante, a um estímulo (e.g., visual, auditivo) numa tarefa laboratorial de psicologia experimental. A resposta pode ser feita através do carregar em botões ou teclas (i.e., chave de resposta manual, teclado) ou de uma resposta vocal (i.e., chave de resposta vocal). É medido o tempo que decorre entre o início da apresentação do estímulo e o início da resposta do participante. O tempo de reação permite fazer inferências sobre os processos mentais. A ideia base é a de que a natureza ou eficiência dos processos mentais se manifesta no tempo que demora a completar uma tarefa. No entanto, o tempo absoluto de execução de uma tarefa não é habitualmente o foco de interesse da psicologia experimental. São as diferenças de tempo de reação a diferentes tarefas que permitem fazer inferências sobre os processos mentais.

► Ver também: Experimental, psicologia.

PVE

Teoria da autopercepção

VER: Autopercepção, teoria da

Teoria da mente

Theory of mind

O constructo teoria da mente refere-se à capacidade de compreensão de si próprio e das outras pessoas enquanto seres psicológicos, com diferentes estados

mentais (e.g., crenças, desejos, cognições e emoções). Esta capacidade possibilita a interpretação e previsão do comportamento das outras pessoas, considerando os seus estados mentais, o que se torna fundamental para as interações sociais. De certa forma, poder-se-á considerar a teoria da mente similar a uma teoria científica. Desta forma, a criança constrói todo um sistema representacional que lhe permite uma maior compreensão do mundo que a rodeia. Sendo um conceito que deriva de estudos da primatologia, foi estudado com crianças sobretudo a partir de pesquisas laboratoriais sobre a compreensão das crenças falsas, através de histórias ou jogos. As pesquisas clássicas colocam a criança numa situação em que deverá prever o comportamento de uma personagem que tem uma crença que não corresponde à realidade e que apenas é do conhecimento da criança. Uma história clássica é aquela em que a criança ouve uma história de uma personagem que colocou um chocolate numa gaveta e foi depois brincar. Na sua ausência e sem seu conhecimento, o chocolate foi transferido para um armário. De seguida, pergunta-se então à criança onde é que a personagem irá procurar o chocolate, se na gaveta ou no armário. A criança fracassa na tarefa quando responde que a personagem irá procurar o chocolate onde ele está na realidade (i.e., armário). A criança será bem-sucedida na tarefa quando responde que a personagem vai procurar o chocolate onde o colocou (i.e., gaveta). A resposta correta às tarefas de crenças falsas, ou seja, de prever corretamente o comportamento da personagem, implica que a criança seja capaz de responder de

acordo com a crença do outro. Ou seja, tem a capacidade de se descentrar da sua perspetiva e colocar-se na perspetiva da outra pessoa. Mas, para além disso, terá que ter capacidade de perceber que as pessoas não agem com base naquilo que as coisas são verdadeiramente, mas sim de acordo com a forma como pensam que são. Ou seja, compreender que as pessoas têm uma representação mental do mundo e agem de acordo com essa representação mental. Desta forma, apenas se poderá falar de teoria da mente quando a criança, para além de atribuir diferentes estados mentais a si e aos outros, for também capaz de compreender esses estados mentais como sistemas representacionais. Isto é, for capaz de metarrepresentação.

As investigações neste domínio mostram que as crianças começam a ser bem-sucedidas nas tarefas de crenças falsas entre os três e os cinco anos. Isto ocorre, quando percebem que as crenças são representações da realidade e, como tal, podem ser falsas. Antes de desenvolver a capacidade de metarrepresentar, a criança não comprehende ainda as construções mentais como subjetivas, falhando por isso as tarefas de crenças falsas. Mas se é na idade pré-escolar que se consolida o domínio das tarefas de crenças falsas, as pesquisas mostram que a teoria da mente evidencia um percurso desenvolvimental. Pode-se observar o início logo no primeiro ano de vida, com a compreensão de estados mentais simples, e que se vai complexificando durante a idade escolar e a adolescência, com representações de segunda e terceira ordem. O percurso desenvolvimental da teoria da mente está muito ligado ao desenvolvimento sociocogniti-

vo, tendo associado um vasto conjunto de competências fundamentais para as dinâmicas das interações sociais. Entre estas encontram-se a: empatia, compreensão da intencionalidade dos comportamentos, tomada de perspectiva social, e julgamento moral.

► *Ver também:* Cognição social; Empatia; Descentração.

MM

Teoria das relações de objeto

VER: Relações de objeto, teoria das

Teoria de sistemas

VER: Sistemas, teoria de

Teoria do constructo pessoal

VER: Constructo pessoal, teoria do

Teoria do mundo justo

VER: Mundo justo, teoria do

Teorias de estágio

VER: Estágio, teorias de

Teorias de processamento dual

VER: Processamento dual, teorias de

Teorias implícitas da personalidade

VER: Personalidade, teorias implícitas de

Terapêutica, relação

VER: Relação terapêutica

Terapia centrada no cliente

VER: Centrada no cliente, terapia

Terapia cognitiva

VER: Cognitiva, terapia

Terapia comportamental

VER: Comportamental, terapia

Terapia de casal

VER: Casal, terapia de

Terapia de grupo

VER: Grupo, terapia

Terapia dialética comportamental

VER: Dialética comportamental, terapia

Terapia familiar

VER: Familiar, terapia

Terapia focada nas emoções

VER: Focada nas emoções, terapia

Terapia gestalt

VER: Gestalt, terapia

Terapia interpessoal

VER: Interpessoal, terapia

Terapia não-diretiva

VER: Não-diretiva, terapia

Terapia psicodinâmica

VER: Psicodinâmica, terapia

Terapia racional emotiva comportamental

VER: Racional emotiva comportamental, terapia

Terapia sistémica

VER: Sistémica, terapia

Terapias construtivistas

VER: Construtivistas, terapias